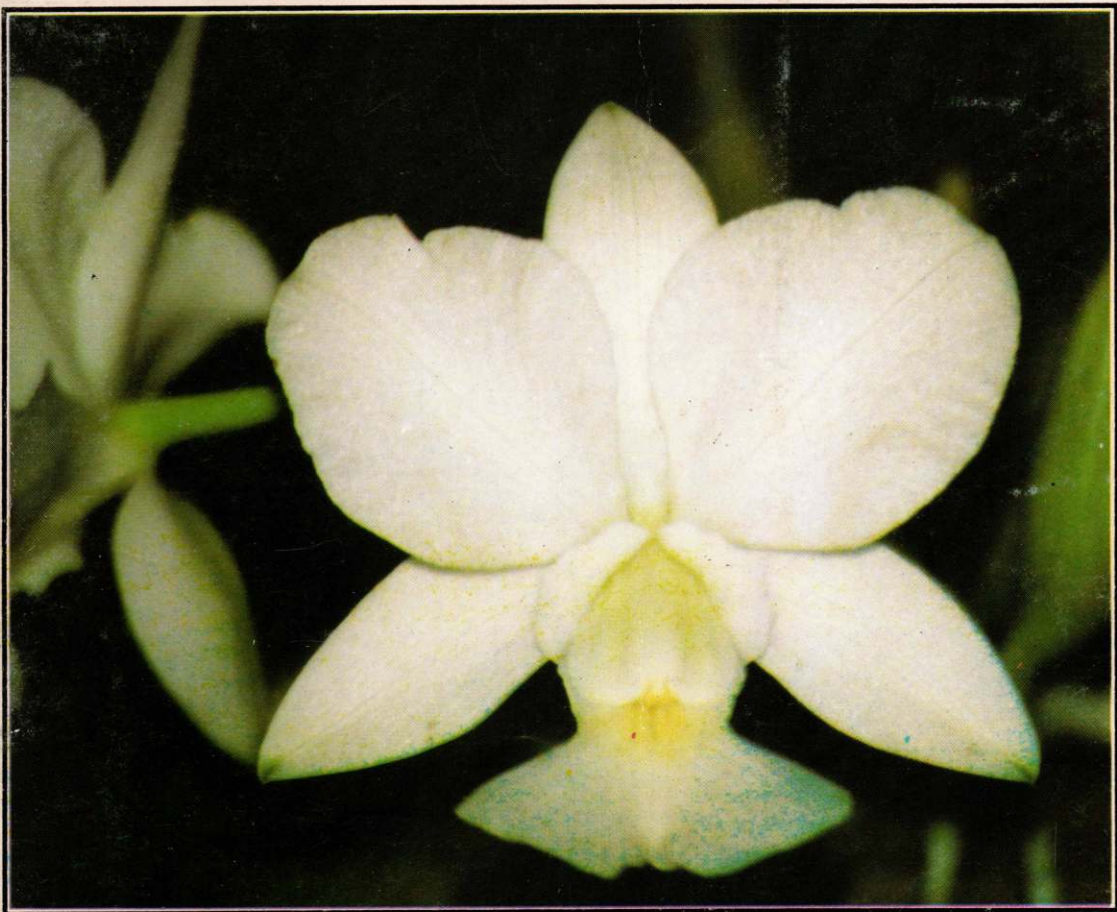


Orquidário



Volume 7, nº 2
abril / junho
1993

ORQUIDÁRIO

da h. b. ... R. 26 ...

meno

Biblioteca

26

DIRETORIA

Presidente: Raimundo A.E. Mesquita - Tel.: (021) 233-2314

Vice-Presidente: Yvan Lassance de Oliveira - Tel.: (021) 542-3770

Diretor da Área Técnica: Alex Sauer - Tel.: (021) 225-4164

Diretor da Área de Relações Comunitárias: Hans Frank - Tel.: (021) 709-4194

Diretor da Área Administrativo Financeira: Benedito Fabiano O. Aguiar - Tel.: (021) 712-1663.

Presidentes Anteriores: Edward G. Klipatric, 1986/87, Álvaro Pessôa, 1987/90 e Raimundo Mesquita, 1990/92

DEPARTAMENTOS

Exposições e julgamentos: Ivana Zubic

Difusão Cultural: Carlos A. Gouveia: Tel.: (021) 230-7348

Pesquisa, Cultivo e Cursos: Maria da Penha Fagnani - Tel.: (021) 246-9868

Biblioteca: Maria Stella Borges

Secretariado: Helena Eyer : Tel.: (021) 233-2314

Tesouraria e Finanças: Cypriano Lopes Feijó

Patrimônio: Mário Abreu de Almeida.

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente: Waldemar Scheliga - Tel.: (021) 267-8384

Membros: Felisodoro Bastos Nunes, Álvaro Pessôa, Carlos Eduardo de Britto Pereira e Roberto Agnes

REVISTA ORQUIDÁRIO

Diretor Responsável: Alex Sauer

Editoria: Roberto Agnes - Tel.: (021) 247-8362

Comissão Editorial: Waldemar Scheliga, Carlos A. Gouveia, Raimundo Mesquita, Alex Sauer e Álvaro Pessôa

A revista circula trimestralmente, com publicação nos meses de Março, Junho, Setembro e Dezembro e é distribuída gratuitamente aos associados.

Roga-se permuta com publicações afins

Artigos e contribuições devem ser dirigidos ao editor, datilografados em espaço duplo, em uma só face, em papel ofício Tipo A-4. Aceitos, serão publicados em um dos números seguintes. Os rejeitados serão devolvidos ao autor, desde que tenha fornecido o endereço. Fotografias, em preto e branco, devem vir acompanhadas de negativos, e nome do fotógrafo, devendo ser identificadas a autoria de desenhos e esquemas, apresentada, sempre, em papel branco e tinta preta. Para fotos a cores os autores deverão remeter, em slide, diapositivo ou o próprio fotolito a ser publicado, com identificação do motivo da foto e nome do fotógrafo. Para remessa de fotolitos contatar, antes, com o editor para a juste de dimensões.

Propaganda e matéria paga, com indicação do mês de publicação, deverão ser entregues à Redação com 2 meses de antecedência.

O título da revista é de propriedade da OrquidaRio, nome que, também está registrado no INPI.

Qualquer matéria ou fotografia publicada, quando não sujeita à reserva de Direito Autoral, indicada como DR pode ser reproduzida desde que se indique a origem.

Preços:

Sendo a nossa revista trimestral e em razão dos elevados níveis inflacionários, não há como divulgar, a cada 3 meses, os preços das contribuições dos sócios Fundadores, Contribuintes, Correspondentes e Vitalícios, bem como aqueles de Publicidade, sem que eles fiquem imediatamente aviltados. Pareceu-nos melhor, portanto, prestar estas informações, solicitando que os interessados escrevam ou telefonem para a Secretaria para saber das Tarifas vigentes ao instante dos seus pagamentos.

Overseas subscriptions rates:

a) 1 year: Us\$25.00; b) 2 years Us\$48.00; 3 years: Us\$68.00

Obs.: By Air Mail, add Us\$8.00, per year

A correspondência à Revista deverá ser enviada ao Editor. Av. Pres. Vargas, nº 583 - grupo 2.014, Centro, RJ, CEP 20.071. Tel.: (021) 224-2886 - Fax (021) 507-1993.



Textos

MESQUITA, R. - 14th WOC - O Evento de 1993.	48
BATISTA, João A. N. , alii - Orquídeas de Brasília.	52
FAGNANI, Maria da Penha K. e SIQUEIRA, Carlos Ivan da S. - Orquídeas de Massambaba -II.	59

SCHELIGA, Waldemar - Quatro Gôngoras.	63
---------------------------------------	----

Seções

Perfis - Padre José Gonzalez Raposo.CMF.	72
---	----

Perguntas e Respostas.	73
-------------------------------	----

Variedades:

<i>Um espaço para evitar desperdício</i>	62
<i>Temas polêmicos - Mamona</i>	75
<i>Cuidados de inverno</i>	75

Ilustrações

Fotos e desenhos: Capa, Valentim Tavares Fernandes; 4ª Capa e pags.48/51, Ana Lúcia Messias; pags.54/56, J. A. N. Batista; pags.58, Diagramas florais, L. B. Bianchetti; pags. 59/62, Carlos Ivan da Silva Siqueira; pags. 63,65,68,70, Rudolf Jenny; pag. 72, não identificado; Logomarca da OrchRIO-1994, Celso Tanaka; nesta página e pags.49 e 75, selos, lançados pelos Correios do Reino Unido para comemorar a 14ª WOC.



Nossas Capas

Das plantas brasileiras que florescem nesta época, outono/inverno, uma das mais belas é a *Cattleya walkeriana* Gardner. Planta de clima quente e que não gosta muito de viver com suas raízes apertadas em vasos, demonstra grande predileção por placas, sobretudo toros de corticeira ou, mesmo, de madeira dura. Água em demasia, também, não lhe faz bem. Seleccionamos para a Capa deste número, em foto de Valentim Tavares Fernandes, um belo exemplar da *Cattleya walkeriana* 'Feiticeira', de que foi disseminador Adhemar Manarini.

A 4ª Capa, lembrando o recente evento orquidófilo maior de 1993, que foi a 14ª Conferência e Exposição Mundial de Orquídeas, realizada em Glasgow, Escócia, mostra em foto de Ana Lúcia Messias, um dos belos estandes ali exibidos, com ilhas de cor e sábio aproveitamento do espaço e das massas florais.

O Evento de 1993.

Raimundo Mesquita



Ana Lucia

Entre os belos arranjos, uma cascata sobre que vojavam "borboletas" (*Phalaenopsis*).

Todos conhecem a fábula dos quatro cegos e o elefante. Levaram os cegos para "conhecerem" um elefante, com o único instrumento de percepção de que dispunham, o tato. Depois pediram a cada um que definisse o animal. Segundo o lugar em que tivessem tocado, um a um, os cegos foram descrevendo tudo, menos o paquiderme.

A fábula, é muito claro, tem o propósito de ilustrar a dificuldade do conhecimento e da conceituação, a relatividade e fragilidade das certezas.

Todos nós sabemos ou pretendemos saber o que é uma orquídea, até vermos, numa grande exposição, a enorme variedade de formas, cores, hábitos vegetativos e, porque não dizer, de odores que vão do pútrido até puras quintessências.

Interrogado sobre isso, nenhum de nós estaria errando, ou se afastando de uma precisa definição, se respondesse, à pergunta, dizendo que a orquídea é uma flor bela... Por mais largo e genérico que seja o conceito, é o único capaz de bem definir a nossa emoção diante dessa flor desafiante.

Assim foi, em Glasgow, Escócia, a 14ª Conferência e Exposição Mundial de Orquídeas, entre 27 de abril e 4 de maio, passados.

Foi, sem dúvida, uma bela exposição, onde as grandes estrelas foram as plantas asiáticas e andinas, *Dendrobiums*, do tipo *nobile*, *Phalaenopsis*, *Paphiopedilums* e *Cymbidiums*, como, também, as *Masdevallias*, *Odontoglossums* e *Miltoniopsis*.

O Brasil fez-se representar com dois es-tandes de expositores, a Florália e a Aranda, ambas recebendo um bom número de prêmios, entre os quais uma medalha de prata por uma soberba *Cattleya violacea* levada pela Florália.

Além disso tivemos um estande que iniciou o ciclo promocional da 15ª WOC, que, como todos já sabem, será, em 1996, no Brasil e no Rio de Janeiro, conforme a final e formal aprovação do Sites Selection Komitee.

Em paralelo à mostra floral, desenvolveu-se a Conferência, de nível especialmente elevado e onde se pôde avaliar o grau de desenvolvi-



Outro bonito arranjo: tronco com *Dendrobium phalaenopsis*

mento das ciências botânicas aplicadas ao estudo e análise da orquídea.

Desdobrou-se a conferência em tres segmentos principais, um científico e histórico, destacando-se, neste, temas como, "Uma visão transatlântica da história orquidófila inglesa", por Don Herman, da AOS, e "William Cattley - Pioneiro da Idade de Ouro da descoberta de Plantas", de Ernest Hetherington.

Outro segmento foi para as questões hortícolas, que variaram de temas simples, como cuidar bem de uma planta, até bem mais profundos como hibridação e engenharia genética.

Por último deu-se grande atenção à candente questão da preservação da orquídea na natureza.

Durante o evento, a OrquidárioRIO fez o que se poderia chamar de lançamento internacional de nos-



Masd. yungasensis x *igneia*

ANA LÚCIA



sas publicações, Orquidário e Pulchra, o que parece ter sido uma grata surpresa para os congressistas presentes, descobrir que, no Brasil, existem publicações especializadas de apurado nível.

Outro ponto alto do evento foi a mostra paralela de obras artísticas dedicadas à orquídea, de filatelia e livros de qualidade insuperável do ponto de vista de conteúdo e qualidade gráfica.

Além disso os méritos e louros à Eric Young Orchid Foundation que foi a grande campeã da mostra.

Foi, não há negar, um belo e grato evento, conduzido com firmeza e habilidade por Alasdair Morrison, que o presidiu, e por Joyce Stewart, que, como Chairman, soube ser merecedora do mais amplo reconhecimento.

Dizia o nosso Editor, Roberto Agnes, no número passado e aludindo Federico Fellini, que “la nave va” e, passado o porto de escala, a 14ª WOC, há que navegar para o porto de destino a que chegaremos, em 1996, com a 15ª WOC...

Agora, nós...

Prossigamos nossa rota até lá, coesos e determinados, e que possamos, sejamos capazes de produzir um evento de nível tão elevado quanto o que vimos em Glasgow.



Cymbidiums de alta qualidade foram marcante presença



Ana Lúcia

Os *Phalaenopsis* Carmela's Pixie estiveram entre os mais premiados



O jogo de cores dos *Dendrobium*, tipo *nobile*, deu grande vigor ao estande.

Na cerimônia de encerramento da 14th WOC, falou o Chairman da 15th WOC, para convidar os congressistas para participarem da próxima conferência e exposição, no Rio de Janeiro:
Ladies and Gentlemen,

As Chairman of the next World Orchid Conference I would like to thank the generous welcome given us by all the present, I could only return your generosity with a phrase by Keats, one of your greatest poets:

"A thing of beauty, is a joy forever".

These few words sum up the success and joy that this your show has been, it will certainly remain preserved in our memory for a long time to come.

Now, a few words about the Fifteenth World Orchid Conference, and Rio de Janeiro, one of the world's most beautiful cities.

We invite you to Rio, in September of 1996, to celebrate spring with us and enjoy the many flowers and sights that will be presented to you all.

I am certain that all the effort, on the part of our delegation, will reward you with as beautiful a show as the one we have seen here and, as a added gift, our city will reward you with the hospitality for which it is so famed.

The Corcovado, with its sculpture of Christ, embraces all that lives in the City, in 1996 allow him to embrace the Orchid People who have come to visit us and participate in the Fifteenth World Orchid Conference."

Anunciamos no número anterior constar da nossa Programação Editorial uma tentativa de censo das orquídeas brasileiras para um futuro mapeamento, de generos "maiores" ou "menores". Sabemos das dificuldades que nos esperam, mas não temos pressa e sim pertinácia, até porque, cada vez mais, temos certeza de que Orquidário veio para durar e para atender a uma necessidade nacional.

Evidência da sintonia desta revista com o pensamento orquidófilo brasileiro foi a reação favorável de cientistas, pesquisadores, amadores e orquidófilos à iniciativa. Mal anunciado o projeto editorial e começamos a receber oferecimentos de colaboração e material de toda ordem, tudo que está sendo ordenado e trabalhado para próxima publicação. Já recebemos, apenas para exemplificar, bastante material de Mato Grosso do Sul, remetido pelo orquidófilo Luiz Alvaro Pereira dos Santos e teremos, em breve, uma resenha sobre o Espírito Santo, escrita por Erico de Freitas Machado. João Baptista da Silva, do Pará, nos promete, de Kew Gardens, onde se encontra, informações sobre a Amazonia, que tão bem conhece e assim por diante...

Sabemos quem são os grandes conhecedores dos mais diversos rincões deste enorme santuário de orquídeas que é o Brasil. Cada um deles virá dar o seu testemunho.

Começamos, aqui, com o Distrito Federal, em expressivo trabalho de João Aguiar de N. Batista, que integra um seleto grupo de estudiosos da flora orquidícea de Brasília. Trata-se, como se verá, de contribuição importante, pela pesquisa de campo e bibliográfica e pelo material fotográfico recolhido.

Mas, queremos dizer a todos que podem contribuir que não se inibam imaginando que só queremos contribuições científicas. Não, queremos, também, a experiência pessoal e descompromissada da aventura de cada um na mata...

The subtribe *Spiranthinae* composes a well represented group in Brazil, with many ornamental species that are very poorly know from the general public. In this paper we present general information and images of *Sarcoglottis heringeri*, an endemic species from the Brazilian central plateau, which has been collected very few times. This is the first time, as far as we know, that images of this plant are show to a broader public. Other two closely related species, *S. biflora* and *S. uliginosa* are also presented.

Sarcoglottis Heringeri Pabst

João A. N. Batista¹, Luciano de B. Bianchetti²*,
Anajúlia H. Salles³, Cilúlia M.R.F. Maury⁴ e
Fernando A. T. Andrade⁵.

INTRODUÇÃO

Ao longo de sua vasta obra científica, J.F.G. Pabst publicou vários trabalhos de uma série onde eram apresentadas espécies pouco conhecidas ou raras. Estes trabalhos, desenvolvidos na forma de pequenos artigos, e publicados em sua grande maioria na revista "Orquidea", apresentavam a um público maior estas espécies conhecidas até então somente por um pequeno número de especialistas. Todavia, as limitações dos recursos fotográficos e de impressão da época, restringiam a apresentação destas espécies ao diagrama floral, e a fotografias em preto e branco da planta seca (exsicata). Essas limitações dificultavam bastante a apreciação destas espécies, que, apesar do interesse predominantemente botânico, são em muitos casos extremamente belas e interessantes. Como as facilidades de impressão são hoje em dia muito maiores, permitindo a publicação de fotos coloridas de alta qualidade, pensamos em retornar a essa idéia, através de artigos com fotografias que permitirão uma melhor apreciação de espécies pouco conhecidas do público em geral. Pretendemos, em princípio, que este seja o primeiro de uma série sobre as orquídeas de ocorrência natural em Brasília (Distrito Federal - DF). Todavia, como não nos dedicamos profissionalmente ao estudo de orquídeas, publicações futuras serão fator da nossa disponibilidade de tempo, cuja previsão é no momento impossível de ser feita.

A SUBTRIBO SPIRANTHINAE

As spiranthineas compõem um grupo (subtribo) muito bem definido dentro da família *Orchidaceae*.

Pertencem a um grupo maior (a subfamília *Spiranthoideae*, segundo o sistema de classificação de Dressler), que se caracteriza por ter uma única antera fértil, e pelos grãos de pólen aglutinados em políneas farinosas, macias. A caracterização mais específica das spiranthineas envolve detalhes da estrutura floral e celular, que incluem a estrutura da coluna, com a antera dorsal ereta, posicionada ao lado do rostelo, as políneas ligadas ao viscidium pelo ápice, a existência de células subsidiárias

ligadas aos estômatos, os cromossomos relativamente pequenos e as raízes tuberosas.

O nome do grupo é derivado do gênero *Spiranthes*, que englobou no passado, a quase totalidade das espécies de *Spiranthineas*. Este gênero, ainda hoje válido, inclui principalmente espécies de ocorrência em regiões temperadas do hemisfério norte, não tendo nenhum representante no Brasil.

O nome é decorrente do fato das flores se encontrarem dispostas em espiral ao longo da inflorescência, mas que não é uma característica comum a todo o grupo. Schlechter, em 1920, propôs um novo sistema de classificação, dividindo o grupo em 24 gêneros. Mais tarde, alguns gêneros novos foram descritos. Todavia, o sistema de Schlechter ainda deixa uma margem de dúvida em relação a caracterização de alguns gêneros, de maneira que, ainda hoje, não é seguido por alguns especialistas.

As spiranthineas ocorrem principalmente na América tropical, mas há representantes, em menor número, em quase todos os outros continentes, a exceção da África tropical e austral, e são predominantemente terrestres, com exceção para os gêneros *Eurystyles* e *Lankesterella*. O grupo inclui hoje 28 gêneros e cerca de 275 espécies. Destes, 18 gêneros e 169 espécies ocorrem no Brasil.

No Distrito Federal, o grupo está representado por 8 gêneros e cerca de 30 espécies. Estes gêneros são (com o respectivo número de espécies): *Saurroglossum*(1), *Cyclopogon*(3), *Sarcoglottis*(8), *Pelexia*(5 espécies confirmadas, 3 por confirmar). *Mesadenella*(1), *Stenorrhynchus*(4 espécies confirmadas, 2 por confirmar), *Lyroglossa*(2) e *Pteroglossa* (1).

Todas as spiranthineas de ocorrência no DF são terrestres, ocorrendo em praticamente todos os tipos de vegetação da região, sendo encontrados desde os campos e cerrados secos, até os brejos e matas úmidas. Praticamente todas as espécies do grupo possuem raízes grossas e carnosas, bem desenvolvidas, que são perenes e constituem o principal órgão de armazenamento e reserva da planta.

As folhas, em geral, são estacionais só se desenvolvendo durante o período das cheias, secando e desaparecendo completamente durante o período

seco. Para várias espécies campestres, como *Stenorrhynchus acianthiformis* e *Lyroglossa grisebachii*, nunca chegamos mesmo a observar folhas.

Para as espécies que ocorrem em matas, somente aquelas de matas úmidas ou inundadas, como *Sauroglossum nitidum*, mantem as folhas o ano todo, mesmo as espécies de mata seca, como *Mesadenella esmeraldae*, terminam por perder as folhas durante o auge do período seco. Várias espécies florescem durante o período chuvoso, entre novembro e fevereiro, todavia, um número também grande de plantas floresce em pleno período seco, entre junho e setembro. Entre estas há várias espécies campestres, como *Stenorrhynchus lanceolatus*, que estando com as folhas completamente ausentes, dependem neste período, exclusivamente da reserva de nutrientes e água armazenada nas raízes.

GÊNERO SARCOGLOTTIS

O gênero *Sarcoglottis* foi descrito em 1827 por Karl Borzowod Presl, um professor de ciências naturais de Praga, tendo como tipo o *Sarcoglottis speciosa*, que apresenta o labelo bastante carnoso, característica a partir da qual derivou o nome do gênero: "Sarx" = carne e "Glottis" = língua, ou seja, língua carnosa (= labelo carnoso). Todavia esta característica, apesar de predominante, não é comum a todos os representantes do gênero.

Todas as espécies do gênero são terrestres, de ocorrência na América do Sul e Central. Hoehne cita, na Flora Brasílica, em 1945, cerca de 40 espécies para o gênero. Pabst apresenta para o Brasil, em 1975, 29 espécies. Destas, 8 espécies ocorrem no DF, que são: *S. biflora* (Vell.) Schltr., *S. fasciculata* (Vell.) Schltr., *S. hassleri* (Cogn.) Schltr., *S. heringeri* Pabst, *S. neuroptera* (Rchb. e Warm.) Schltr., *S. rupestris* Barb. Rodr., *S. sagittata* (Rchb.f. e Warm.) Schltr. e *S. uliginosa* Barb. Rodr..

Destas espécies, *S. biflora*, *S. heringeri*, *S. rupestris* e *S. sagittata*, ocorrem em áreas secas com vegetação de cerrado, cerrado ralo, campo sujo e campo limpo. Outras três espécies, *S. uliginosa*, *S. hassleri*, e *S. neuroptera* ocorrem em campos úmidos ou

mesmo inundados, e uma única espécie, *S. fasciculata*, ocorre no interior de matas secas. Em relação a floração, as três espécies de campos úmidos florescem, predominantemente, no início do período chuvoso, entre outubro e novembro. Das espécies de ocorrência em áreas secas, duas também florescem durante o período chuvoso; *S. biflora*, que é possível encontrar florido ao longo de quase todo o período chuvoso, de outubro a fevereiro, e *S. heringeri*, cuja floração é um pouco mais tardia ocorrendo entre dezembro e o início de fevereiro.

Um outro grupo, formado por *S. rupestris*, *S. sagittata* e *S. fasciculata*, floresce em pleno período seco, entre agosto e setembro, quando então o índice pluviométrico cai a praticamente zero e a umidade relativa do ar chega a menos de 20%. Para várias das espécies campestres como *S. hassleri*, *S. sagittata*, *S. rupestris* e *S. neuroptera*, nunca observamos folhas, de maneira que as plantas só podem ser observadas quando estão em floração. As outras espécies que apresentam folhas, perdem-nas durante o período seco, só permanecendo as raízes, o que constitui uma proteção contra a perda de água, por evaporação, e contra os incêndios, extremamente comuns nos campos na época seca.



JAN PAISTA

Detalhe da flor de *Sarcoglottis heringeri*

SARCOGLOTTIS HERINGERI PABST

Esta espécie foi primeiramente coletada pelo Prof. Ezequias Paulo Heringer, em 1964, em Brasília (Distrito Federal). Na época, a planta foi enviada ao especialista J.F.G. Pabst, que a tomou como sendo o *S. homalogastra* (Rchb.f. e Warm.) Schltr., uma espécie até então só conhecida do tipo, coletado por Warming na região de Lagoa Santa. Todavia, quando *S. homalogastra* voltou a ser coletado mais tarde, por G. Hatschbach, no Paraná, ficou claro que esta espécie e a coletada por Heringer eram distintas.

Baseando-se no exemplar coletado por Heringer, Pabst descreveu então este material como uma espécie nova, homenageando o seu coletor.

Depois da coleta inicial, Heringer voltou a coletar a planta em 1966, no mesmo local. A partir de então a planta só voltou a ser coletada, pelo que foi possível verificar, em 1979, na Chapada dos Veadeiros, em Goiás, por Gates e Estabrook (Gates e Estabrook no. 139, UnB), o que ampliou a sua distribuição geográfica, uma vez que a planta só era conhecida para o DF. Em 1992, baseando-se nos dados da coleta de Heringer, encontramos a planta no mesmo local no qual foi originalmente coletada.

Este continua a ser o único local de ocorrência conhecida e documentada da espécie para o DF.

A partir desta descoberta é que conseguimos examinar a planta e fotografá-la, o que tornou possível a realização deste trabalho.

Esta única população de *S. heringeri* conhecida no DF ocorre numa área de cerrado, com cerrado ralo e campo sujo adjacentes, sobre solo bastante arenoso. Este local, mesmo durante períodos de chuva intensa, nunca fica encharcado, secando rapidamente. A planta brota e floresce durante o auge do período chuvoso, em dezembro e janeiro, e as flores, em campo, não parecem ser de longa duração.

Na Chapada dos Veadeiros foi observada também sobre solo arenoso, mas com mais húmus, escuro, em área de afloramento rochoso. Durante o período seco a parte vegetativa seca completamente, só permanecendo as raízes, que sustentarão uma nova brotação no período chuvoso seguinte.

As folhas do *S. heringeri* são muito parecidas com as de *Stenorrhynchus lanceolatus*, sendo difícil a separação entre ambas. Entretanto, em relação a todos os outros aspectos (estrutura floral, cor das flores, época de floração), são completamente diferentes. No DF, as duas espécies podem ser encontradas no mesmo local, ocorrendo lado a lado. Nos detalhes florais *S. heringeri* é muito parecido com *S. biflora*. Ambas as espécies também ocorrem mais ou menos no mesmo tipo de ambiente, e florescem aproximadamente na mesma época. Todavia, vegetativamente ambas são bastante diferentes, o que permite com facilidade a sua diferenciação. *S. heringeri* tem as folhas bem desenvolvidas, eretas, ovo-lanceoladas, de 10 a 14 cm de comprimento, pouco patentes e de consistência membranácea, e a inflorescência multiflora, com uma média de 10 a 25 flores.

SARCOGLOTTIS BIFLORA (VELL.) SCHLTR.



Planta de *Sarcoglottis biflora* em ambiente natural

Esta espécie é muito próxima, nos detalhes florais, do *S. heringeri*. Todavia, vegetativamente, ambas se diferenciam bem. *S. biflora* tem as folhas sempre em pequeno número (média de 1 a 2), carnosas, rígidas, e dispostas sobre e completamente em contato com o solo. A inflorescência tem em média um menor número de flores, de 1 a 6, podendo, excepcionalmente, chegar até 10 ou pouco mais.

Esta espécie ocorre desde os cerrados até os campos de murundus, sempre sobre terreno seco, nunca inundado, em solo firme. Floresce, no DF, entre outubro e fevereiro. Ocorre nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Goiás. É relativamente comum no DF, onde já a observamos em vários locais.

SARCOGLOTTIS ULIGINOSA BARB. RODR.



Inflorescência e detalhe das folhas de *Sarcoglottis uliginosa*

Esta espécie, nos detalhes florais, é também relativamente próxima das duas anteriores. Todavia, distingue-se em vários outros aspectos. *S. uliginosa*

é uma espécie extremamente típica de campos limpos permanentemente úmidos, chegando mesmo a ocorrer em áreas inundadas sobre solo instável.

Vegetativamente *S. uliginosa* é, geralmente, muito menor do que *S. heringeri*, com as folhas, de 1 a 4, tendo entre 2 a 7 cm de comprimento. Todavia, exemplares excepcionalmente desenvolvidos podem ter até 6 folhas ou mais, com estas ultrapassando 20 cm de comprimento. O número de flores é sempre em torno de 1 a 2, nunca atingindo números maiores como em *S. biflora*. E, por último, tem as flores com cor amarela, ou alaranjado claro, enquanto para as outras duas espécies estas são verdes. Floresce, no DF, entre setembro e dezembro. Ocorre em todos os estados do Sul, Centro Oeste, em São Paulo, Minas Gerais e Paraguai.

BIBLIOGRAFIA

- Dressler, R.L. (1981). The Orchids: Natural history and classification. Harvard University Press.
- Foldats, E. (1969-1970). Orchidaceae: Flora de Venezuela, Vol. 15. Ed. T. Lasser. Caracas: Instituto Botânico.
- Hoehne, F.C. (1945). Flora Brasílica: Fasc. 8 (vol. XII, II; 13-43). São Paulo: Instituto Botânica.
- Pabst, J.F.G. (1967). Orquídeas raras e críticas do Brasil - I (*Sarcoglottis homalogastra*). Orquídea 28(2):116, tab. 117.
- Pabst, J.F.G. (1971). New or critical orchids from Brazil: *Sarcoglottis heringeri*. The orchid Review. 79(939): 53-55.
- Pabst, J.F.G. e Dungs, F. (1975). Orchidaceae Brasileenses: Band I Hildesheim: Kurt Schmiersow.

J. A. N. Batista

CALENDÁRIO FLORAL - GÊNERO SARCOGLOTTIS (DF)

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
<i>S.biflora</i>	*	*								*	*	*
<i>S.fasciculata</i>							*	*				
<i>S.hassleri</i>										*	*	
<i>S.heringeri</i>	*	*										*
<i>S.neuroptera</i>										*	*	*
<i>S.rupestris</i>							*	*				
<i>S.sagittata</i>										*		
<i>S.uliginosa</i>									*	*	*	*
No. espécies em floração	2	2					2	4	4	4	4	4

TABELA COMPARATIVA ENTRE *S.HERINGERI*, *S.BIFLORA* E *S.ULIGINOSA*

FOLHAS

	número	forma	consistência	posição
<i>S.heringeri</i>	1-6	ovolanceolada	membranácea	ereta
<i>S.biflora</i>	1-2	ovaladas subcordadas	rígida	paralelas e em contato c/ o solo
<i>S.uliginosa</i>	1-4	oblongo- lanceoladas	membranácea	ereta

FLORES

número	cor	AMBIENTE DE OCORRÊNCIA	
<i>S.heringeri</i>	10-25	verde	cerrado; campo sujo seco
<i>S.biflora</i>	1-6(10)	verde	cerrado; campo sujo seco
<i>S.uliginosa</i>	1-2	amarela	campo limpo úmido

João Aguiar Nogueira Batista

SHIN QL 7 Conj. 1, Casa 7

71535-275 - Brasília- DF

1) Universidade de Brasília, 2) Centro Nacional de Recursos Genéticos e Biotecnologia, SAIN Parque Rural s/nº, Brasília-DF, Cep 70770-900. * Autor para correspondência, 3) Jardim Botânico de Brasília, 4)FUNATURA.

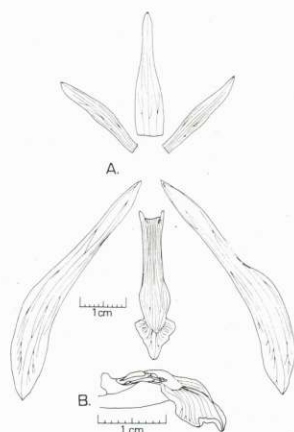


Figura 1.
Sarcoglottis heringeri Pabst
 A. Flor com segmentos dissecados.
 B. Perfil da coluna e labelo

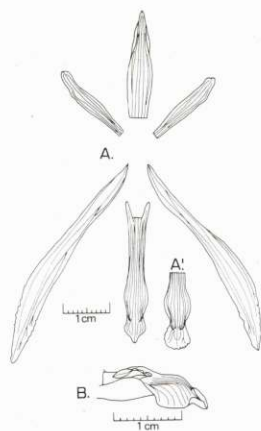


Figura 2
Sarcoglottis biflora (Vell.) Schltr.
 A. Flor com os segmentos dissecados.
 A'. Pequena variação no lóbulo terminal.
 B. Perfil da coluna e labelo

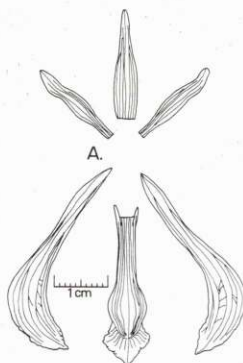


Figura 3.
Sarcoglottis uliginosa Barb. Rodr
 A. Flor com os segmentos dissecados

Orquídeas da Restinga de Massambaba - II

Maria da Penha K. Fagnani*

Carlos Ivan da Silva Siqueira**



Bletia catenulata

Carlos Ivan

ABSTRACT

The Massambaba "restinga" or sand coastal plain is located in the State of Rio de Janeiro, Brazil, comprising the stripe of land between the Araruama Lagoon and the Atlantic Ocean. The floristic survey of *Orchidaceae* in the area revealed 13 genera and 16 species, plus a natural hybrid. Comparative data from herbarium material revealed 15 genera and 24 species. This discrepancy is in part due to the fact that we had a limited period of observation (2 years). The importance of recent data for appraisal of existing species and new occurrences is strongly emphasized by the authors.

A restinga de Massambaba está situada no estado do Rio de Janeiro, compreendendo a faixa de terra que separa a lagoa de Araruama do mar. Nossa área de observação inclui partes de dois municípios: Araruama e Arraial do Cabo, sendo que o método utilizado para o estudo da família *Orchidaceae*, nessa área, foi o de visitas periódicas aos habitats, com identificação das espécies e coletas em casos de dúvida. Não utilizamos, em nossa lista, dados recolhidos de material de herbários. Temos até agora um total de dezesseis espécies e um híbrido natural. Nos gêneros *Habenariae* e *Pleurothallis*, algumas espécies ainda não foram identificadas. São elas:



Neste segundo artigo, em que damos seguimento ao anterior (Fagnani & Siqueira, 1992), ampliamos nossa lista de espécies, fazemos comentários e corrigimos enganos.

ESPÉCIE

Bletia catenulata Ruiz et Pavon

Brassavola perrinii Lindl.

Campylocentrum robustum Cogn.

Campylocentrum selowii Rolfe

FLORAÇÃO

Set.-Dezembro

Março-Abril

Maio

Abril

<i>Catasetum discolor</i> Lindl.	Setembro
<i>Cattleya guttata</i> Lindl.	Fevereiro-Março
<i>Cattleya intermedia</i> Grah.	Setembro-Outubro
<i>Cyrtopodium paranaense</i> Schltr.	Dezembro
<i>Encyclia oncidoides</i> Schltr.	Janeiro
<i>E. denticulata</i> Barb. Rodr.	Março/Setembro
<i>Epidendrum huebneri</i> Schltr.	Março/Setembro
<i>Epidendrum x ormindoi</i> Miranda.	Jan.-Maio
<i>Habenaria parviflora</i> Lindl.	Setembro
<i>Habenaria</i> spp.	
<i>Oncidium ciliatum</i> Lindl.	Março-Abril
<i>Prescottia micrantha</i> Lindl.	Março
<i>Pleurothallis</i> sp.	
<i>Vanilla planifolia</i> Andr.	Abril
<i>Vanilla chamissonis</i> Klotzsch.	Março

A restinga está basicamente constituída por dois cordões arenosos paralelos: o externo (próximo ao mar) e o interno (próximo à lagoa). Entre tais cordões arenosos existe uma depressão úmida, com solo escuro e rico em matéria orgânica, semelhante à turfa, e cuja comunidade vegetal é a de brejo herbáceo. Ali encontramos a *B. catenulata*, com longos pedúnculos que oscilam ao vento, proporcionando uma visão muito bonita daquele campo úmido cheio de flores de cor púrpura. A exposição ao sol é total, mas ocorre que lá existem muitas gramíneas, que formam, com suas folhas altas, uma relativa proteção para esta orquídea. Não temos conhecimento da ocorrência de *B. catenulata*, em nenhum outro local do estado do Rio de Janeiro, a não ser nessa área.

É uma planta de cultivo difícil, no que aliás não foge à regra geral para as orquídeas terrestres. No final da floração, encontramos os frutos em cápsulas já maduras e, ao observar as sementes ao microscópio, notamos duas diferenças em relação às sementes de outras espécies que temos examinado. A primeira é o seu maior volume, que se mostra, por exemplo, sete vezes maior que uma semente de *Cattleya araguaiense* Pabst, a outra particularidade é que sua epiderme apresenta pequenas projeções que parecem facilitar a aderência a outras superfícies, ou mesmo, entre si mesmas, pois quando fizemos semeadura asséptica constatamos que estas sementes não passavam com facilidade na agulha calibre 12, formando com frequência um aglomerado que causava entupimento.

Na pesquisa sobre locais de ocorrência de *B. catenulata*, encontramos: Venezuela, Peru, GO, MT, DF, MG e SP. No Brasil, essa ocorrência se refere à região típica do cerrado na planície central. Nessa região, com altitudes de 500 a 1000m, que os

ventos marítimos não alcançam, a umidade é pouca, com dias quentes e secos e noites frescas, mas existem brejos e alagados que abrigam grande número de orquídeas terrestres.

No estado do Rio de Janeiro, encontramos esta mesma orquídea ao nível do mar, numa região onde a brisa marinha sopra quase constantemente e a variação de temperatura do dia para a noite é comparativamente pequena. É a única espécie da sua subtribo que ocorre no Brasil, impossibilitando, assim, qualquer tentativa de hibridação com outra espécie brasileira.

Dessa mesma comunidade de brejo herbáceo, faz parte a *H. parviflora*, outra orquídea terrestre que encontramos vegetando numa parte alagada do terreno. Ela aparece em muitas regiões do Brasil sempre em brejos ou terrenos úmidos, e suas flores de coloração amarelo-esverdeado, estão entre as menores do gênero. O gênero *Habenaria* é o que representa no Brasil a subfamília Orchidoideae, que inclui o gênero tipo para a família **Orchidaceae**: *Orchis*.

Muito marcante foi nosso encontro com o *C. discolor*, de flores verdes, no município de Arraial do Cabo. Este *Catasetum* faz parte do grupo dos mais primitivos do gênero, pois possui apenas rudimentos de antenas. Encontramos uma pequena população terrestre vegetando numa depressão próxima às dunas, cujo solo, ao exame superficial, parece ser mistura de argila com areia. A área encontra-se periodicamente alagada. Apesar da exposição à mesma luz, recebendo sol o dia todo, era claramente visível o acentuado dimorfismo, sendo as plantas femininas de maior porte, com pedúnculo floral espesso e flores maiores. A diferença era tão acentuada que, ao primeiro olhar, pareciam duas espécies diferentes; no entanto, a planta mais robusta, que só produziu flores femininas no seu habitat, quando em cultivo produziu somente flores masculinas.

Em nosso artigo anterior, a *V. planifolia* era a única que havíamos encontrado em flor, mas, recentemente achamos a *V. chamissonis* com suas flores amarelas, que é descrita como a mais comum nessa região. Os longos caules característicos deste gênero são encontrados nas duas faixas arenosas da restinga. Segundo dados recolhidos de textos pesquisados, a *V. planifolia* foi provavelmente introduzida aqui pelo cultivo e se tornou uma espécie natural, pois é nativa da América Central.

O fruto da *Vanilla* tem reconhecido valor comercial, pois dele, após passar por processo especial, é extraída a vanilina, que é muito usada em todo o mundo como aromatizante em culinária e na indústria

de alimentos. Por ter também valor medicinal, foi empregada no tratamento de dispepsia, anemias e como estimulante.

Da subtribo Cranichidinae, encontramos a *P. micrantha* terrestre, com pedúnculo floral de 30cm, sem folhas. As flores são diminutas, verdes, com labelo em forma de elmo, crescendo no cordão arenoso interno.

Da lista de orquídeas publicada no primeiro trabalho, fazia parte o *Epidendrum latilabre* Lindl. Na verdade, isto foi um engano nosso, sendo o nome correto da espécie terrestre, de flores verdes, *Epidendrum huebneri* Schltr. Essa espécie vegeta na periferia das moitas existentes no cordão arenoso interno, na mesma comunidade vegetal onde ocorre o *E. denticulatum*, ambos com caules bem expostos ao sol.

Em janeiro de 1993, foi publicada na Bradea, por Francisco Miranda, a descrição de um *Epidendrum* híbrido natural entre o *E. huebneri* e o *E. denticulatum*, o qual foi chamado *Epidendrum x ormindoi* Miranda. Trata-se de uma planta com flores muito bonitas que chamam a atenção pela mistura de caracteres dos progenitores. Pessoalmente, nunca encontramos este híbrido florido, mas Hans Frank o encontrou e coletou nessa mesma região, de modo que pudemos ver a planta e fotografá-la.

Comparamos dados por nós obtidos com os que retiramos da análise florística das restingas do estado do

Rio de Janeiro (Araujo & Henriques, 1984), feita com dados de herbários, que revelou, para as áreas que visitamos, 15 gêneros e 24 espécies; sendo que nós encontramos 13 gêneros e 16 espécies. cremos que a desigualdade se deve, em parte, ao fato de não termos conseguido, como em *Habenaria*, identificar mais espécies, devido ao tempo limitado de observação (2 anos). Por outro lado, notamos acima que o *Catasetum discolor* e a *Vanilla planifolia* não estão citados para essa região.

Há alguns meses, passamos a depositar material coletado por nós no herbário da Universidade Santa Úrsula (USU), pois sabemos que coletas recentes permitem atualizar os dados sobre as espécies existentes e assinalar novas ocorrências para determinados locais.

Terminamos este artigo com uma visão cheia de esperança quanto à sobrevivência de nossas espécies, pois apesar de toda a agressão, as orquídeas continuam bem representadas na restinga de Massambaba.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, D. & HENRIQUES, R. 1984. Análise florística das restingas do Estado do Rio de Janeiro. In: Lacerda, L.D. et al. Restingas: origem, estrutura e processos, Niterói, CEUFF, Rio de Janeiro, 477p.
- COGNIAUX, A. Orchidaceae. In: Martius, Flora brasiliensis, vol.3 (parte 4), 1893-1896, Monachii.
- _____. vol.3 (parte 5), 1898-1902, Monachii.
- _____. vol.3 (parte 6), 1904-1906, Monachii.
- CORRÊA, M.P. 1984. Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas, Rio de Janeiro, I.B.D.F.
- FAGNANI, M.P. & SIQUEIRA, C.I.S. 1992. Orquídeas da restinga de Massambaba. Orquidário, 6 (2): pag.51-54.
- HOEHNE, F.C. 1940. Flora brasílica, São Paulo, vol.12 (1), Departamento de Botânica do Estado.
- _____. 1945. Vol.12 (2), São Paulo. Instituto de Botânica.
- PABST, G.F.J. & DUNGS, F. 1977. Orchidaceae brasiliensis, Alemanha, Brücke-Verlag, Kurt Schmersow.



Epidendrum x ormindoi Miranda

AGRADECIMENTOS, à Profa. Regina Helena P. Andreatta, da Universidade Santa Úrsula, a Francisco Miranda, a Exdras Porto, aos companheiros orquídifilos: Mario Abreu de Almeida, Hans Frank, Benedito Fabiano O. Aguiar e Italo Valente.



Carlos Ivan

* Rua das Palmeiras, n.93, apto. 803. Rio de Janeiro, RJ. CEP 22270-070 ,

** Rua Salinópolis, n.353. Rio de Janeiro, RJ. CEP 22720-000.

Epidendrum denticulatum

Um espaço para evitar desperdício...

Nesta época em que começamos a descobrir que os recursos naturais não são ilimitados e em que se começa a reciclar praticamente tudo, como, ainda, de custos cada vez mais elevados para cada uma das nossas publicações, pareceu-nos inconveniente desperdiçarmos tantos espaços de Orquídeário, que não vinham sendo usados por força das exigências, técnicas e estéticas, de paginação. Entre colocar uma vinheta para ilustrar e embelezar a página ou usar estes espaços com notas curtas e úteis para os nossos leitores, ficamos com esta última utilidade. É mais um espaço onde se transmitirá experiências, notícias e informações condensadas, tudo que valioso para a comunidade orquídifila.

Este espaço, porém, só poderá ser preenchido se os sócios e colaboradores da Orquídeário quiserem, mandando-nos material para publicação. Aqui caberá de tudo: aquela sua descoberta; uma anedota orquídifila; uma pequena história de sua ida a um habitat, como é o seu combate a pragas e doenças, etc., etc....

O espaço é seu. Use-o. Quem vai nos contar, por exemplo, os nomes populares das nossas orquídeas, como, por exemplo, "Chita" que é o apelido de *Oncidium (baueri, harrisonianum, divaricatum...)*, "Chita crespa" (para a Seção Crispa), "Chita miuda" (*O. cornigerum, cruciatum, politanum, pumilum*), "Chita rendada" (*O. forbesii*), ou "Rabo de rato" para *Scuticaria* ou, ainda, "Sumaré" para *Cyrtopodium* e por aí afora? E o por que de certos nomes cultivar para os grandes gêneros, como *Cattleya labiata* do Balde? e do Churrascoe? E a *Laelia purpurata* do Poço?

**GONGORA MINAX RCHB.F. - GONGORA ATROPURPUREA
HOOKER
GONGORA PSEUDOPURPUREA JENNY - GONGORA NIGRITA
LINDL.**

QUATRO ESPÉCIES EM QUESTÃO

*Waldemar Scheliga**

Abstract

To collaborate with Rudolf Jenny, the Author has been looking for the true *Gongora nigrita* Lindl., though unsuccessful till now.

As there is a large confusion with other species of the genus, the Author gathered Jenny's articles published in "Die Orchidee", on *Gongora minax*, *Gongora atropurpurea*, *Gongora pseudo-atropurpurea* and *Gongora nigrita*, in order to show clearly their specific characteristics.

Author asks the Brazilian orchid growers to help him to rediscover the true *Gongora nigrita* and to send him material for study, besides some photos and flowers in alcohol.

O orquidólogo e pesquisador suíço Rudolf Jenny dedica-se com empenho na revisão da classificação de vários gêneros de orquídeas, com a finalidade de por ordem na confusão que existe na nomenclatura de certas espécies. ORQUIDÁRIO

tem publicado vários textos conclusivos desse autor sobre algumas espécies brasileiras dos gêneros *Catasetum* e *Stanhopea*. É uma tarefa que exige muita paciência e tenacidade para coligir e analisar todos os dados necessários, que, geralmente, se encontram esparsos em diferentes publicações e localidades. Ao contrário de autores que simplesmente se baseiam e orientam na reprodução de citações anteriores, Jenny faz questão de ir fundo e examina com meticulosidade os originais ou cópias autênticas e, naturalmente, também o tipo e a descrição original nos herbários. Quando o material disponível no herbário ou a descrição é deficiente, Jenny só se pronuncia depois de examinar, pessoalmente, novo material vivo da espécie em discussão.

Foi o que aconteceu, por exemplo, com a *Gongora minax* Rchb.f.. Essa espécie brasileira é



Gongora atropurpurea. Aquarela original de W. J. Hooker publicada no Curtis's Botanical Magazine em 1833 (t.3223).

Reproduced with the permission of the Controller of Her Majesty's Stationary Office and the Director of the Royal Botanic Gardens, Kew).

raramente encontrada em cultivo. Entretanto, atendendo ao apelo de Jenny consegui, por intermédio de Araham Minassian, de São Paulo, uma planta viva de *Gongora minax* que cultivei e, logo em seguida, floriu. Os "slides" e as flores conservadas que enviei para Jenny finalmente serviram para a conclusão do trabalho sobre essa rara espécie. As flores apresentaram perfeita concordância com a descrição e ilustração de Reichenbach, bem como com o material depositado no herbário.

R. Jenny

A seguir reproduzimos duas publicações feitas por Jenny na revista DIE ORCHIDEE sobre a *Gongora minax*. O primeiro artigo, publicado em Dezembro de 1986, não foi conclusivo por falta de material novo. Somente em Dezembro de 1990, portanto após quatro anos de buscas, o autor pôde concluir a revisão da espécie.

(DIE ORCHIDEE 37 (6) 1986)

Gongora minax Rchb.f.

Botanische Zeitung 24:385.1866

Bibliografia

COGNIAUX, A.: Martius Flora Brasiliensis (part.5) 544 1898-1902

DRESSLER, R.L.: Orchid Digest 30:222 1966

DRESSLER, R.L.: Orquideologia 6:72 1971 e 12:161, fig 2a 1977

DRESSLER, R.L.: First Symposium on the Scientific Aspects of Orchids 1972, 15, fig 2a

HOEHNE, F.C.: Flora Brasiliensis 12(part. 6) 197, t.128 fig.3 1942

PABST, G.F.J. e DUNGS, F.: Orchidaceae Brasiliensis 2:178,221,224,278, fig 1687, 1977

REICHENBACH, H.G.fil.: Botanische Zeitung 24:385 1866

REICHENBACH, H.G.fil.: Xenia Orchidacea 2:168, t.170, fig.1 1874

Ocorrência:

Endêmica para o Brasil. As poucas plantas achadas eram provenientes da região do Rio Negro, no Estado do Amazonas. Há muito tempo não se encontra essa espécie em cultivo e, por isso, não existem indicações mais precisas sobre o habitat da mesma.

Agente polinizador:

Não é conhecido.

Possibilidade de ser confundida:

A espécie é inconfundível e, ao que parece, também não existem outras espécies aparentadas.

Etimologia:

Minax = conceito latino para sobressair, fazendo alusão ao tamanho da flor.

Generalidades:

Em 1865 REICHENBACH recebeu em primeira mão de LÜDDEMANN, de Paris, material dessa planta bastante rara, inicialmente coletada por WALLIS no Rio Negro, Brasil, e que chegou à vários

coleccionadores da Europa. LINDEN em Gant, que recebeu a planta por intermédio de WALLIS, distribuiu alguns exemplares para diferentes orquidófilos, entre eles PESCATORE e SCHILLER. A planta que serviu de Tipo para a descrição de REICHENBACH também foi fornecida por LINDEN, porque o material de LÜDDEMANN não foi suficiente para uma descrição. Textualmente a descrição de 1866 tem o seguinte teor: "... *Gongora bufoniae* Lindl. sepalis manguis acuminatis, tepalis ligulatis aristatis curvis, columnae elongatae aequalis, labelli basis cuneato, comibus basilaribus nullis, hypochilil vertice triangulo, sinu ab aristatis ensiformibus erectis separatis, pichilo compresso, apice longe rostrato uncinato." A publicação foi feita por REICHENBACH em Xenia Orchidaceae. Um desenho a lápis do Tipo do herbário de REICHENBACH em Viena, também se encontra nessa publicação. A *Gongora minax*, aparentemente, após 1870, não foi mais vista, mas, na literatura brasileira encontram-se diversas citações, ou seja, em Martius Flora Brasiliensis por COGNIAUX; em Flora Brasiliensis de HOEHNE e, ultimamente, em Orchidaceae Brasiliensis de PABST e DUNGS. Estes, porém, (vol.II,pg.278) trocaram os desenhos. A figura 1689 na verdade mostra uma *Gongora minax* e não a *Gongora quinquenervis*. Já a figura 1687 é um equívoco e poderá ser qualquer espécie de secção Quinquenervis. Segundo informa DRESSLER, em 1972, são conhecidas as polineas de *Gongora minax*. Foram vistas numa abelha nas cercanias de Manaus. Quanto à identidade exata do polinizador e a composição do odor das flores não se tem notícias.

É de estranhar que uma espécie tão vistosa e inconfundível não tenha maiores adeptos de seu cultivo. Torna-se, por isso, muito importante obter material vivo da mesma para estudos mais profundos."

(DIE ORCHIDEE 41(6).1990)

Gongora minax Rchb.f.

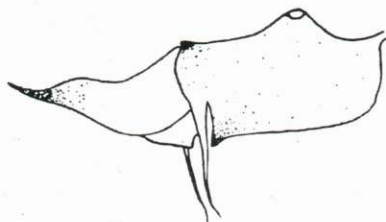
Gongora minax é uma espécie que raramente se encontra em cultivo. Até a bem pouco tempo era tida com "extinta" e alguns autores chegaram a duvidar que tenha existido. Entretanto, os desenhos depositados no herbário de REICHENBACH, em Viena, são de tal clareza e a forma do labelo dessa espécie é tão diferente das demais que duvidar de sua existência - pelo menos na época de REICHENBACH - não é admissível.

Há tempos recebi do Brasil flores conservadas de uma *Gongora* que demonstrava grande semelhança com a *Gongora minax* descrita por REICHENBACH. Lamentavelmente, as flores estavam bastante danificadas e uma identificação com absoluta segurança não foi possível. Recentemente recebi do Sr. Waldemar Scheliga, do Rio de Janeiro, não só nítidos diapositivos dessa espécie, como também material vivo. As flores dessa planta apresentam perfeita concordância com a descrição e ilustração de REICHENBACH, assim como, também, com o material depositado no herbário. Originariamente *Gongora minax* foi coletada por WALLIS no curso inferior do Rio Negro, no Amazonas. Da mesma região deve proceder a planta em questão. O grande destaque é o hipoquílio prolongado com a extremidade deltoide-obtusa, sem qualquer chifre na base e a flor relativamente grande. Ao que parece, o colorido das flores é variável. Segundo REICHENBACH, a flor deveria ser pintalgada. O material presente mostra um fundo de cor carne, com apenas pintas miudas e escuras, semelhante a coloração da *Gongora unicolor* da América Central. Igualmente característica é a inflorescência, curta e com poucas flores (no máximo 10 flores). Se este aspecto é determinado pelo modo do cultivo, ainda não foi possível esclarecer, pois, é sempre temerário avaliar nesse sentido uma planta recém-instalada. A planta em si tem a forma típica de uma planta do sub-gênero *Gongora*, com bulbos ovais fortemente rugados, monófilos e a folha larga, subulada, em cabo curto. A espécie deve ser cultivada em ambiente quente e úmido."

A mesma sorte não tive na procura de uma legítima *Gongora nigrita* Lindley. Até agora não foi possível obter uma planta ou, pelo menos, "slides" da flor e material conservado em álcool. Continua, pois, a minha procura de uma legítima *Gongora nigrita*. Orquídeófilos que lá viveram e conhecem as orquídeas que ocorrem na Amazônia afirmam que a espécie existe naquela região. Na literatura encontra-se apenas a informação de que a primeira *Gongora nigrita* foi descoberta em Demerara, na Guiana Britânica. Ignora-se até onde se estende a disseminação dessa planta. Dada a proximidade, seria possível a extensão do habitat até a Amazônia brasileira. Porém, isso são meras conjecturas que precisam ser confirmadas. PABST e DUNGS em sua "Orchidaceae Brasilienses" mencionam a *Gongora nigrita* como ocorrente em

Pernambuco e Guianas. Na mesma obra é mencionada a *Gongora atropurpurea* como originária apenas do Pará. Outros autores informam que a mesma espécie ocorre com certeza na Venezuela, no Norte do Brasil e na Guiana Britânica, Suriname e Guiana Francesa, sendo, além disso, a única espécie que conseguiu saltar do Continente para uma ilha e, ainda hoje, é encontrada em Trinidad.

Na avaliação de Rudolf Jenny, ninguém sabe ao certo o que é realmente a *Gongora nigrita*. Dispõem-se apenas de um Tipo de LINDLEY e uma descrição acompanhada de um desenho do labelo. O resto são puras suposições. Até agora não se viu nenhum material que se ajustasse, tanto ao desenho de LINDLEY, como, também, à descrição do mesmo.



G. NIGRITA LDJ

(nach Typus/Keco 10.84/Jr)

De acordo com a descrição, poderia tratar-se de uma flor com mesmo aspecto da *Gongora claviodora* da América Central ou da *Gongora atropurpurea* da Venezuela, ou seja, colorido vermelho-escuro até purpúreo, sem manchas ou sinais, e superfície aveludada.

Entretanto, nos dois casos, não se ajusta, de modo algum, a forma do labelo. Por outro lado, pela forma do labelo, poderia ser uma espécie como a *Gongora histriônica*. Mas, aí, não se ajusta o colorido, nem a característica da superfície. Todo raciocínio desenvolvido na literatura, parte de noções inteiramente falsas quanto à verdadeira *Gongora nigrita* e, por isso, são irrelevantes.

Diante de tais considerações fica a impressão de que está havendo alguma confusão por parte dos cultivadores e colecionadores com a identificação dessa espécie. Por isso, para o necessário confronto e esclarecimento do assunto, reproduzimos os artigos de Rudolf Jenny sobre as quatro espécies em questão. Esperamos, assim, conseguir de algum colecionador o esclarecimento do assunto, reproduzimos os artigos de Rudolf Jenny sobre as quatro espécies em questão

Esperamos assim conseguir de algum colecionador o material ("slides" e flores em álcool), principalmente da *Gongora nigrata*.

(DIE ORCHIDEE 36(4)1985)

Gongora nigrata Lindley

Sinônimo: *Gongora quinquenervis* var. *nigrata* hort. ex Stein

Bibliografia

- Anônimo: Orchid Review 5:201. 1897
BECHTEL, H., P. CRIBB e E. LAUNERT: Orchideenatlas 291. 1980
BEER, J.G.: Praktische Studien an der Familie der Orchideen 252. 1854
BOYCE, P.: Orchid Review 88: 240 1980
COGNIAUX A.: Martius Flora Brasiliensis 3/ part. V. 546. 1898-1902
DIETRICH, A.: Allgemeine Gartenzeitung 15:159. 1847
DRESSLER, R.L.: Orchid Digest 30: 222. 1966
DUCHARTRE, P.E.S.: Manuel general des Plantes, Arbres et Arbustes 4:505. 1857
DUNSTONVILLE, G.C.K. e L.A. GARAY: Venezuelan Orchids Illustrated 1:156. 1959
FOLDATS, E.: In T. LASSER: Flora de Venezuela 15/part. 4: 122. 1970
HAMER, F.: Icones Plantarum Tropicarum 8:t. 749. 1983
HAMER, F.: Encyclopaedia of cultivated Orchids 227 1965
HEYNHOLD, G.: Nomenclator Botanicus Hortensis 2: 271. 1846
HOEHNE, F.C.: Flora Brasiliensis. 12/part. 6: 199. t.130. 1942
HOEHNE, F.C.: Iconographia de Orchidaceas do Brasil 293, t.187. 1949
JENNY, R.: Die Orchidæ 30: (1). Kulturbartei 1979
JONES, H.G.: Bradea 1: 264. 1979
JONES, H.G.: Candollea 23: 297. 1968
LEMAIRE, C.: Jardin Fleuriste 3: 55. 1853
LINDLEY, J.: Edward's Botanical Register 25: Misc. 86. 1839
LINDLEY, J.: Edward's Botanical Register 33: sub. t. 17. 1847
MORREN, Ch.: Annales de la Soc. Roy. d'Agri et de Bot. de Gand 3: 186. 1847
PABST, G.F.J. e F. DUNGS: Orchidaceæ Brasiliensis 2: 178 e 220, fig. 1688. 1977

REICHENBACH, H.G. fil.: Walpers Annales Botanices Systematicæ 6: 595 1861

REICHENBACH, H.C. fil.: Xenia Orchidaceæ 1: 53. 1858

SCHULTES, R.E.: Native Orchids of Trinidad and Tobago: 180. 1960

SPAE, D.: Annales de la Soc. Roy. d'Agri. et de Bot. de Gand 4:253. 1848

STEIN, B.: Orchideenbuch 261. 1892

TEUSCHER, H.: The Orchid Journal 2: 485. 1953

ALLAN, P.H. in WOODSON, R.E. e R.E. e R.W. Schery: Flora of Panama, part. III/4. Annales of the Missouri Botanical Garden 36: (1):62. 1949

Generalidades:

Tanto a *Gongora nigrata* como a *Gongora atropurpurea* são as espécies conhecidas há mais tempo do gênero. *Gongora nigrata* foi descrita e publicada por John LINDLEY, em 1839, no Edward's Botanical Register, portanto doze anos depois da *Gongora atropurpurea* de W.J. HOOKER. LINDLEY escreveu textualmente: "Hypochili convexi cornubus lateralibus abbreviatis ascendentibus aristis setaceis, epichilio acuminato apice uncinato brevior." No texto da descrição, ainda acrescentou: "This is much the darkest of the *Gongoras* the appearance of the flowers being like that of the deepest puce-coloured velvet. It is very nearly the same as *G. atropurpurea*, but the lower half of the lip is convex not concave, longer than upper half not shorter, and the horns at its sides are very short. It was imported from Demerara by S. Rucker, Esq. Jun. who informs me that the smell is quite different from that as *G. atropurpurea*." Em resumo ele quis dizer: "Entre todas as *Gongoras* esta é a mais escura. As flores parecem um veludo marrom escuríssimo. Posiciona-se muito próximo à *Gongora atropurpurea*, porém, a parte inferior do labelo é convexo e não côncavo, mais longo do que a metade superior e não mais curta. Os chifres laterais são muito curtos. A planta foi importada de Demerara por S. Rucker que me informou que o cheiro das flores é bastante diferente daquele da *Gongora atropurpurea*." No herbário de Kew encontra-se o Tipo de LINDLEY da *Gongora nigrata*, mostrando uma inflorescência com 8 flores e um desenho simples, mas muito nítido, do labelo visto de lado. A folha do herbário traz a inscrição: *Gongora nigrata*, Bot. Reg. Misc. 1838, no. 86. Logo a primeira vista nota-se que os labelos de *Gongora nigrata* e *Gongora*

atropurpurea realmente são muito diferentes. Esta característica não permite a união das duas espécies ou o estabelecimento da qualidade de variedade entre as mesmas. Querer considerar essas duas espécies como idênticas, seria o mesmo (para citar só um exemplo) como considerar *Paphiopedilum praestans* uma variedade de *Paphiopedilum rothschildianum*, o que também seria irreal. *Gongora nigrita* vem sendo constantemente mencionada na literatura, porém, nunca se publicou a ilustração de uma verdadeira espécie (i. é, de conformidade com o Tipo de LINDLEY) e, até agora, não se encontrou uma planta, em cultivo, que correspondesse exatamente ao Tipo de LINDLEY. O aspecto da espécie, baseado nas informações disponíveis, poderá ser delineado claramente sobre os seguintes pontos:

- Os chifres do hipoquílio são muito curtos, de formação quase mutilada e se posicionam lateralmente;

- A corcova sobre o epiquílio, segundo LINDLEY, falta quase inteiramente e de qualquer modo é pouco caracterizada;

- O hipoquílio é muito alto e curto e tem na base a mesma altura como nas cerdas;

- A coloração é marrom escuro e intenso;

- A superfície das flores (presume-se sepalas e a base de labelo) é aveludada.

Em 1966 Robert DRESSLER escreveu no Orchid Digest: "I would especially like to know what LINDLEY had when he described *Gongora nigrita*." Numa lista do gênero com as espécies conhecidas até então, LINDLEY, em 1847, destaca expressamente a falta de chifres no hipoquílio e, em sua descrição original, faz referência ao cheiro diferente ao da *Gongora atropurpurea*, conforme foi informado por RUCKER. É difícil entender, por exemplo, por que motivo B.STEIN, em 1892, transferiu *Gongora nigrita* para uma variedade de *Gongora quinquenervis* e ainda imputou esse erro à LINDLEY, declarando-o autor dessa variedade. Está porém provado que LINDLEY jamais alterou o nome por ele dado à *Gongora nigrita*. Da mesma forma o trabalho de TEUSCHER (A.O.S. Bulletin 35:734. 1966) também não é convincente. Desprezando as reiteradas referências de LINDLEY para vários pontos e cujos critérios posteriormente foram igualmente aceitos por REICHENBACH f., REUSCHER apresenta uma outra espécie de colorido vermelho escuro, como sendo *Gongora maculata* e transferiu *Gongora nigrita*, juntamente

com outras espécies, para sinônimos da mesma. Se formos concordar com esse procedimento como sendo um conceito baseado na disseminação e distribuição e geográfica das espécies, teríamos, para seguir a mesma norma, de reduzir o gênero *Paphiopedilum* para mais ou menos 15 a 20 espécies. Lamentavelmente tais simplificações injustificáveis do gênero *Gongora* parecem estar na ordem do dia e tornou-se regra geral reunir 10 a 15 espécies diferentes declarando-as sinônimos.

Na verdade, positivamente nada se conhece sobre a disseminação da *Gongora nigrita*, do seu cheiro e seu polinizador. Seria altamente interessante saber se uma planta identificável com a descrição de LINDLEY se acha em cultivo em algum lugar. Apesar de minhas intensas buscas ainda não consegui encontrar uma legítima *Gongora nigrita*.

Nomes duvidosos:

Gongora nigrita var. *macrantha* Lemaire

Gongora graveolens hort. ex Lemaire

Bibliografia

COGNIAUX, A.: Martius Flora Brasiliensis 3/ part. V:547. 1898-1902

LEMAIRE, C.: Jardin Fleuriste 3: 55. 1853

HOEHNE, F.C.: Flora Brasílica 12/ part. 6: 200. 1942

Em 1853 LEMAIRE descreveu essa variedade no Jardin Fleuriste. A planta lhe foi fornecida por M.BRYS, sem declarar sua procedência. LEMAIRE declarou que as flores eram maiores do que os da *Gongora nigrita*, resolvendo, porém, publicar a planta como variedade e não como espécie.

Em seguida LEMAIRE preparou uma boa diagnose em latim. Pelo seu texto, porém, conclui-se que ele na verdade tinha presente uma outra espécie. Infelizmente, não existe uma ilustração, nem material de herbário da suposta *Gongora nigrita* var. *macrantha*. Resta, declarar o nome dessa variedade como duvidoso, devido a impossibilidade de uma conclusão exata. O nome *Gongora graveolens* aplicado por LEMAIRE, nunca foi descrito e, portanto, também não poderá ser aceito como válido.

Ocorrência:

Gongora nigrita só foi encontrada comprovadamente uma vez em Demerara, um Condado no norte da Guiana Britânica. Não se tem notícias sobre a real extensão de sua ocorrência.

Etimologia:

atropurpurea = púrpura escuro;

macrantha = flor grande;

nigrita/nigra = preto;
quinquenervis = com cinco nervuras.

(DIE ORCHIDEE 36(4) 1985).

Gongora atropurpurea W.J.Hooker

Sinônimos: *Gongora heisteri* hort. ex Rchb.f.

Gongora quinquenervis var. *atropurpurea*

Jones

Bibliografia

BECHTEL, H., P. CRIBB e E. LAUNERT:
Orchide-enatlas 291. 1980

COGNIAUX, A.: Martius Flora Brasiliensis 3/
part. V: 549. 1898-1902

DAY, J.: Scrap Books 53. 29. 10. 1887

DIETRICH, A.: Allgemeine Gartenzeitung 6:
215. 1838

DRESSLER, R.L.: First Symposium on the sci-
entific Aspects of orchids. 15, fig. 21 1976

DRESSLER, R.L.: Orchid Digest 30: 220. 1966

DRESSLER, R.L.: Revista de Biología Tropical
15: 151. 1967

DUNSTERVILLE, G.C.K. e L.A. GARAY: Ve-
nezuelan Orchids Illustrated 1: 156. 1959

HOEHNE, F.C.: Flora Brasiliica 12/part. 6: 200.
1942

HOOKE, W.J.: A Century of Orchidaceous
Plants: 50, t. 49. 1849

HOOKE, W.J.: Curtis's Botanical Magazine
57: sub. t. 2978. 1830

HOOKE, W.J.: Curtis's Botanical Magazine
60: t. 3220. 1833

HOOKE, W.J.: Curtis's Botanical Magazine
65: sub. t. 3687. 1838

HOOKE, W.J.: Exotic Flora 3: 178. 1827

KRAENZLIN, F.: Kungl. Svenska
Vetenskapsakademiens Handlingar 46: no. 10. 67.
1911

LINDLEY, J.: Edward's Botanical Register 25:
59. Misc. 86. 1839

LINDLEY, J.: Edward's Botanical Register 33:
sub. t. 17. 1847

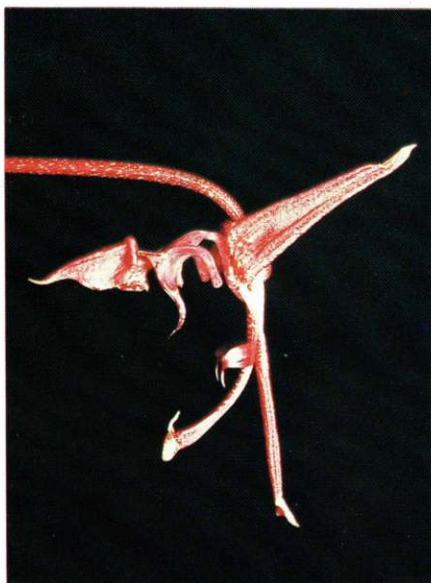
LINDLEY, J.: Genera and Species of Orchida-
ceous Plants 159. 1830

MAUND, T.: The Botanist 3: t. 108. 1839

MORREN, C.: Ann. Soc. Roy. d'Agri. et de Bot.
de Gand 3: 186. 1847

MUTEL, A.: Memoire sur plusieurs Ochiidées
Nouvelles ou peu connues: 28. 1842

PABST, G.F.J. e F. DUNGS: Orchidaceæ Bra-



Gongora atropurpurea.
Flor de uma planta da Venezuela.

R. Jenny

siliensis 2: 178 e 278, fig. 1686. 1977

REINCHENBACH, H.G. fil.: Allgemeine Gar-
tenzeitung 22: 164. 1854

REINCHENBACH, H.G. fil.: Walpers Annales
Botanices Systematicae 6: 596. 1861

REINCHENBACH, H.G. fil.: Xenia Orchidacea
1: 54. 1858

SCHULTES, R.E.: Native Orchids of Trinidad
and Tobago 179. 1960

SCHWEINFURTH, Ch.: Fieldiana Botany 33:
53. 1970

SPAE, D.: Ann. Soc. Roy. d'Agri. et de Bot. de
Gand 4: 253. 1848

TEUSCHER, H.: American Orchid Society Bul-
letin 36: 734. 1966

Generalidades:

Gongora atropurpurea foi descrita por William
Jackson HOOKE, então curador da Real Jardim
Botânico de Kew, na Exotic Flower. É a segunda
espécie descrita após a *Gongora quinquenervis*. Ao
mesmo tempo foi publicada uma ilustração que mostra
a planta-tipo importada de Trinidad pelo Barão de
SCHACK e, mais tarde, doada ao Jardim Botânico de
Liverpool. Por intermédio de HOOKE, SHEP-
HERD recebeu uma parte da planta que floriu pela
primeira vez em Junho de 1827. O Tipo ainda se

encontra em Kew e mostra uma folha e inflorescência com pouco mais de 20 flores e traz a observação: "... from Trinidad, B. de Schack" e "*Gongora atropurpurea*, Exotic Flora t. 159." Além disso, o Tipus ainda conserva material da coleção do Kew Garden de Setembro de 1887. A menção da prancha 159 da Exotic Flora é estranha, pois, a figura em questão aparece na prancha 178. Um segundo exemplar de herbário da *Gongora atropurpurea*, sem data, supostamente de LINDLEY, mostra, além de uma inflorescência com várias flores, um esboço do labelo visto de lado. Esse desenho demonstra detalhadamente as características que justificam a descrição como espécie própria. Posteriormente, em 1833, apareceu no Curtis's Botanical Magazine uma outra ilustração da espécie. A planta também provinha do Jardim Botânico de Liverpool, porém, dessa vez importada por Charles PARKER de Demerara, Guiana Britânica.

Pesquisas recentes provaram que *Gongora atropurpurea* é exclusivamente polinizada por abelhas masculinas da espécie *Eulaema cingulata*. Ainda não se conhece a composição do cheiro que as flores exalam.

Gongora atropurpurea mais tarde foi transferida por H.G. JONES (Candollea 23: 297 1968) para sinônimo de *Gongora quinquenervis* Ruiz e Pavon e em 1972 (Bradea 1: 264, 1972) o mesmo autor elevou-a a variedade própria, ou seja, *Gongora quinquenervis* var. *atropurpurea* H.G. Jones.

De toda maneira, muitos botânicos já consideravam *Gongora atropurpurea* apenas um sinônimo da *Gongora quinquenervis* Ruiz e Pavon ou *Gongora maculata* Lindley. Entretanto, tais opiniões, em face dos modernos conhecimentos ecológicos relativos ao processo de polinização, não tem sustentação.

A *Gongora maculata* var. *atropurpurea* descrita por TEUSCHER é, na opinião do autor, uma transformação válida da *Gongora atropurpurea* Hooker. No entanto, a flor ilustrada nada tem a ver com a *Gongora atropurpurea* de Hooker, representando, talvez, uma espécie de coloração vermelho escuro, aparentada com *Gongora maculata* ou *Gongora quinquenervis*.

Em 1858 aparece pela primeira vez o nome *Gongora heisteri*, mencionada por REICHENBACH f. na Xenia Orchidacea, como sinônimo para *Gongora atropurpurea*. De onde surgiu esse nome ninguém sabe e a citação por REICHENBACH é a primeira e

única divulgação a respeito.

Gongora atropurpurea é sem dúvida, entre as *Gongoras*, a mais fácil de identificar. Entretanto, aparece raramente nas coleções e só recentemente um ou outro exemplar se acha em cultivo.

Mesmo assim, pode-se afirmar tratar-se de uma das mais interessantes espécies do gênero.

Deve ser cultivada da mesma maneira que *Gongora gibba* ou *Gongora fulva*. As flores são invariavelmente de colorido vermelho escuro e só desbotam ao fenecer.

Variedades:

Gongora atropurpurea var. *albescens* hort. ex Heynhold

HEYNHOLD, G.: Nomenclator Botanicus Hortensis 2: 271. 1846

Gongora atropurpurea var. *minor* hort. ex Heynhold

HEYNHOLD, G.: Nomenclator Botanicus Hortensis 2: 271. 1846

Gongora atropurpurea var. *minor* hort. Loddiges

LODDIGES, C.: Catalog of Plants and Seeds, 1836

Gongora atropurpurea var. *nigra* hort. ex Heynhold

HEYNHOLD, G.: Nomenclator Botanicus Hortensis 2: 271. 1846

Gongora atropurpurea var. *pallida* Mutel
MUTEL, P.A.V.: Memoire sur plusieurs Orchidees Nouvelles ou peu connues 29. 1842

Gongora atropurpurea var. *picta* hort. Heynhold
HEYNHOLD, G.: Nomenclator Botanicus Hortensis 2: 271. 1846

Gongora atropurpurea var. *picta-albescens* hort. ex Heynhold

HEYNHOLD, G.: Nomenclator Botanicus Hortensis 2: 271. 1846

No período de 1836 a 1845 foram mencionadas as sete assim chamadas variedades de *Gongora atropurpurea*. Para avaliar devidamente a situação, torna-se necessário considerar alguns pontos.

Em 1836, poucas espécies de *Gongora* haviam sido descritas. Mesmo assim, por intermédio de importadores e colecionadores, novas espécies chegavam na Europa, principalmente na Bélgica e Inglaterra, onde eram incorporadas às coleções. Ali recebiam dos jardineiros um nome, geralmente como variedade de qualquer espécie já conhecida. Mais tarde essas denominações apareciam periodicamente

em qualquer listagem de algumas coleções e acabaram se infiltrando na revisão de alguns gêneros. Na realidade, esses nomes representam várias espécies que naquela época ainda não tinham sido descritas ou cuja descrição era pouco divulgada e, portanto, desconhecida por muitos colecionadores. Em muitos casos o nome em si era considerado importante e não a sua exatidão. Considerando que dessas plantas não existe material arquivado em herbário, nem desenhos ou descrições, fica hoje impossível o enquadramento das mesmas à uma determinada espécie. Logicamente a melhor solução para esses casos é tratar os nomes pelo que realmente representam, ou seja, simples designações hortícolas.

Ocorrência:

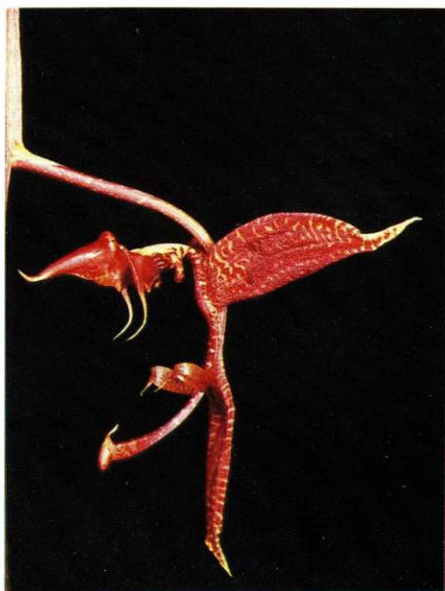
Gongora atropurpurea ocorre comprovadamente na Venezuela, no Norte do Brasil e na Guiana Britânica, Suriname e Guiana Francesa. Além disso, é a única espécie que conseguiu saltar do Continente para uma Ilha. Hoje ainda é encontrada em Trinidad.

Descrição:

Notáveis são as pétalas curtas e largas, assentadas na parte basal da coluna (no terço inferior), passando abruptamente para cerdas curtas e sua largura é quase o dobro das pétalas das demais espécies. O Hipoquílio do labelo é muito estreito, pequeno e dominado pelos dois chifres muito compridos e grandes, curvados para baixo. Os cantos do mesoquílio são agudos e direcionados para a frente. As cerdas são mais largas na base e voltadas para a parte basal do labelo de forma que o calo fica inteiramente livre. A ponta do calo voltada para baixo não fica acamada entre as cerdas como costuma acontecer nas demais espécies. Os cantos do hipoquílio se apresentam como pontes curtas entre as cerdas. A abertura do hipoquílio é muito apertada e somente na direção da base se alarga ligeiramente.

Etimologia:

Atropurpurea = púrpura escuro;
 Albescens = esbranquiçado;
 Graveolens = cheiro forte;
 Maculata = manchada;
 Major = maior;
 Minor = menor;
 Pallida = pálida, desbotada;
 Picta = pintada;
 Picta-albescens = com pintas brancas;
 quinquenervis = com cinco nervuras
 Finalmente, para melhor esclarecimento de



Gongora pseudoatropurpurea da Colômbia

R. Jenny

qualquer dúvida sobre as espécies em questão, achei oportuno também reproduzir a primeira descrição da espécie *Gongora pseudoatropurpurea* feita por Rudolf Jenny em 1990 e publicada na revista DIE ORCHIDEE 41 (4) 1990. Essa planta muitas vezes foi confundida com a verdadeira *Gongora atropurpurea*. Acontece, porém, que, até agora, só foi encontrada numa área restrita a região de Choco na Colômbia. Por isso, todas as identificações da suposta *Gongora atropurpurea* da Colômbia, na verdade se referem à *Gongora pseudoatropurpurea* e não à verdadeira *Gongora atropurpurea* encontrada no Brasil e regiões adjacentes da Venezuela, Trinidad e Guiana e que jamais apareceram no lado oposto do Continente. Já pelas ilustrações de cada espécie nota-se a diferença entre as mesmas na construção do labelo. Comparando-as lado a lado observa-se que a diferença é marcante.

É o seguinte o texto publicado por Rudolf Jenny:

(DIE ORCHIDEE 41(4) 1990)

Gongora pseudoatropurpurea Jenny

Generalidades:

construção do labelo. Comparando-as lado a lado observa-se que a diferença é marcante.

É o seguinte o texto publicado por Rudolf Jenny:

(DIE ORCHIDEE 41(4) 1990)

Gongora pseudoatropurpurea Jenny

Generalidades:

Em 1988 recebi simultaneamente de vários colecionadores essa espécie para identificação. Todas as plantas, comprovadamente, eram provenientes de uma área bastante restrita na Colômbia, no Departamento Choco, próximo da Bahia Solano. A primeira vista parecia tratar-se da *Gongora atropurpurea* Hooker, descrita em 1827. Entretanto, essa espécie até agora só foi encontrada no lado oriental das Cordilheiras dos Andes, ou seja, na Venezuela, nas Guianas, na Ilha Trinidad e no Brasil. Por sua vez, todas as plantas achadas no outro lado dos Andes vieram da mesma região em torno da Bahia Solano no Departamento Choco. *Gongora atropurpurea* também parece ser uma das poucas espécies desse gênero que apresenta coloração constante, ou seja, só foram encontradas plantas com flores de colorido vermelho escuro sem variações. A *Gongora pseudoatropurpurea* é, sem dúvida, aparentada com *Gongora atropurpurea* e ambas se enquadram no Subgênero *Gongora* e na Seção Grossa. A coloração vai, sobre fundo amarelo, salpicado de marrom até vermelho escuro e com manchas purpúreas escuras. O labelo no entanto se diferencia, em alguns aspectos, bastante da *Gongora atropurpurea*, sendo menor e os chifres um pouco mais curtos. O hipoquílio no todo menos achatado e a transição para o epiquílio é menos nítida. Poderia-se até supor estar diante de um híbrido de *Gongora atropurpurea* com uma espécie do grupo da *Gongora pardina*.

Surpreendentemente encontram-se as típicas pétalas largas nascendo da parte inferior da coluna, também na *Gongora pseudoatropurpurea*. Em vista dessas características, creio ser justificável o estabelecimento de uma nova espécie. Análises da composição odorífica da *Gongora atropurpurea* e *Gongora pseudoatropurpurea* vão demonstrar o grau das diferenças na ecologia da polinização das duas espécies.

Typus:

Colômbia, Dpto. Choco, Bahia Solano, 50 m alt., col. Hubein, ex cult. Herzum, Jenny no. 84. Conservatoire Jardin Botanique, Chamlesy (G.).

Descrição:

Pseudobulbos cônicos até arredondados, nitidamente rugados, sulcos angulares, até 7 cm de altura e 4 cm de diâmetro, sempre bifoliados. Folhas lanceoladas, pecíolo curto, acuminadas com até 40 cm de comprimento e 12 cm de largura. Pedúnculo com 5 - 6 cm de comprimento. Inflorescência lateral, pendente, com 25 a 30 flores, mais ou menos alongadas e com até 50 cm de comprimento. O ovário no corte transversal nitidamente mais grosso que a inflorescência angulosa. Bracteias lanceoladas, pequenas, acuminadas e muito unidas. Sepala dorsal estreita oval-acuminada, orla ligeiramente enrolada com 2,0 a 2,1 cm de comprimento e, estendido, com 0,6 cm de largura, voltado para baixo. Sepalas laterais ovais a triangulares, levemente assimétricas e acuminadas, voltadas para trás e ligeiramente enroladas nas orlas, com 2,4 a 2,5 cm de comprimento e, destendidas 1,3 a 1,5 cm de largura. As pétalas, até ao meio do seu comprimento fundidas com a coluna, livre na parte frontal e terminado abruptamente em duas cerdas agudas, ao todo 1,2 a 1,4 cm de comprimento, nascendo na parte relativamente mais inferior da coluna. Coluna delgada e curva, no ápice levemente alargada em forma oval, ao todo 1,8 a 2,1 cm de comprimento. Labelo tripartido, hipoquílio visto de lado plano na base, triangular até os cantos do hipo-

Ocorrência:

Até agora a espécie só foi encontrada no Dpto. Choco, Colômbia, em ambiente extremamente úmido e quente, em altitudes de 0 - 100 m.

Rudolf Jenny
Moosweg 9
Almendingen CH-3112 - Suíça

Waldemar Scheliga
Rua Almirante Sadock de Sá 133/401.
Rio de Janeiro - RJ 22471-030

Perfis

PADRE JOSE GONZALEZ RAPOSO.CMF

*Humberto Antônio Epiphânio
Presidente do Circulo Rioclarense de Orquidófilos*

Comemorou, no dia 19.03.93, 88 anos de idade o Padre José González Raposo, missionário claretiano. O Circulo Rioclarense de Orquidófilos, com o patrocínio da UNIMED de Rio Claro, prestou, naquela data, com o título de sócio honorário do CRO, talvez a mais justa e significativa homenagem que se pode conceder a um de seus associados, com certeza o mais ilustre, cuja modéstia impediu que Rio Claro e o próprio Brasil conhecessem a grandeza de sua obra literária que se destina ao ensino da palavra de DEUS, através de várias publicações abordando a catequese, como também, na divulgação de seus profundos conhecimentos sobre as Orquídeas.

Nascido na Espanha, iniciou, há 60 anos, sua atividade pastoral no Brasil, residindo atualmente no Colégio Claret, entre seus livros, suas orquídeas e suas orações.

Foi colaborador assíduo da Sociedade Brasileira de Orquidófilos, tendo vários trabalhos publicados na Revista ORQUÍDEA, assim como, inúmeros outros artigos de sua autoria, foram divulgados através do BOLETIM da CAOB (Coordenadoria das Associações Orquidófilas do Brasil).

Membro honorário da Associação Lombarda Amatori Orchidee com sede na Itália, tem vários trabalhos publicados na ORCHIS e posteriormente na INTERMEZZO sendo o último a notificação de uma nova espécie de orquídea coletada no rio ARAGUAIA, juntamente com outro associado do CRO, Sr. EGEL PERAZOLLI, e que, em sua homenagem, recebeu o nome de *Encyclia reflexa gonzalensis*, com grande destaque, inclusive com foto.

Ultimamente teve publicada em revista, da Alemanha e Inglaterra, a SCHLECHTERIANA, uma raríssima orquídea, talvez única, *Cattleya x extricata* Gonzalez, por ele mesmo coletada em solo brasileiro. Teve inúmeros trabalhos publicados no Boletim do

Circulo Rioclarense de Orquidófilos e da Sociedade Campineira de Orquídeas (os 2 atualmente sem circulação).

Autor do livro "A ETIMOLOGIA A SERVIÇO DOS ORQUIDÓFILOS", vol. 1, estando trabalhando no volume 2.

No dia 19-03-93 foi realizada a entrega do Diploma, no próprio SEMINÁRIO CLARET, com a presença da DIRETORIA do CRO e alguns amigos, com grande simplicidade como era seu desejo.



Perguntas e Respostas

Sobre semeadura

Pergunta. "Tentei fazer semeadura de orquídeas conforme seu artigo publicado em Orquidário. Deparei-me inicialmente com problemas para germinação. Escrevi-lhe uma carta e você, de forma muito atenciosa, respondeu as minhas indagações. Alguns tubos germinaram. As pequenas plantas, entretanto não se desenvolveram (1cm) e começam a ficar de cor alaranjada, tendendo para marrom."... "Como meio de cultura, segui a sua receita, mas, em alguns casos, substituí a Benerva por peptona." "Aí está um dos tubos preparados, para você diagnosticar o que está acontecendo."

Silvio Romero Fonseca Lima
Recife, PE.

Resposta Infelizmente o frasco, que você nos mandou, foi muito sacudido na viagem, soltando a gelósia, que chegou inteiramente fragmentada, não permitindo ver o que você queria que vissemos, para aconselhá-lo.

A aparência dos fragmentos de gelósia não estava boa, dando a impressão de ter sido muito "cozinhada" (imagino que você, para prevenir contaminação, deva ter deixado na panela de pressão por mais tempo que o necessário). Estava fosca e escura, enquanto que uma boa gelósia deve ser translúcida e brilhante. Tente chegar a esse ponto.

Não temos, por aqui, experiência de uso de peptona, embora eu conheça receitas com utilização de bactopeptona. Por isto, nada posso lhe dizer sobre esse meio. Prefiro os que lhe indiquei, que me dão resultados satisfatórios.

Deu, também, para ver que a causa do seu insucesso é falta de ar dentro do frasco, sobretudo falta renovação, mínima que seja. As sementes que germinaram e que foi possível ver, estavam oxidadas. Com receio da contaminação, você veda excessivamente seus frascos (além da tampa de rosca, cobri-la inteiramente de esparadrapo é um erro: não contamina, mas, o que germina, fenece). Arrisque um pouco e, com certeza, terá êxito, embora com casos de contaminação

aqui e ali, que o tempo e a prática irão fazendo desaparecer.

Faço-lhe uma sugestão, com base em prática de alguns semadores: experimente deixar a agulha de semeio, com um tampão de algodão esterilizado, funcionando como uma chaminé para renovação de ar (veja a ilustração abaixo).

Raimundo Mesquita



Sobre Coxim

Pergunta: Publicamos, aqui, trechos de uma carta recebida por Waldemar Scheliga, do fabricante do Coxim, respondendo a algumas consultas sobre o uso daquele meio. Já tendo publicado uma série de textos sobre substratos e recentemente sobre piaçava, pareceu-nos muito valiosa a Resposta abaixo.

A Editoria

Resposta: A respeito do Coxim, gostei da sua expressão: "não sei o que estou fazendo errado". Pois não é possível que o Coxim, de excelente resultado com uns (Hélio Marondi, Burle-Marx etc.) e não preste com outros. Por antinomia, ela me faz lembrar um certo senhor de S. Paulo que durante a II Expointer, foi ao meu estande e disse em voz alta para todos ouvirem que o Coxim não prestava porque ele já cultivava orquídeas a 32 anos e sabia que casca de coco não presta. Limitei-me a responder, no mesmo tom de voz, que perante tão forte argumento tinha que me calar, pois há, apenas, 28 anos é que cultivava orquídeas. E não acrescentei que minha bisavó já cultivava orquídeas em casca de coco no século passado; a tal que introduziu a *Renanthera coccinea* no Brasil.

Cada substrato tem a sua técnica de cultura e nós, naturalmente, tendemos a transpor algumas normas dos substratos aos quais estamos acostumados, para o novo material que estamos experimentando e nem sempre dá certo.

Primeiro acho que devemos separar "substrato" e "suporte". O suporte não alimenta a planta, nele a orquídea tem que ser integralmente alimentada pelos adubos que recebe. Considero como suporte: cascalhinho, isopor, cortiça, espuma de nylon e desconfio que a piaçava esteja neste grupo. E substrato são aqueles que alimentam a orquídea como faz o cortex das árvores hospedeiras. Como substrato considero o xaxim, a osmúndia, as cascas de árvores, o esfagno e o coxim (a casca de coco). Sendo que só o coxim é que é um substrato fabricado e que, por assim ser, pode ter sua composição e suas características físicas modificadas, aperfeiçoadas.

Mas vamos aos problemas que você está tendo:

1 - Queima de raízes. Diagnóstico: a lavagem foi insuficiente e vai ficar queimando por uns 3 meses. O coxim antes de ser usado deve ser posto, no mínimo, por 8 dias imerso na água para eliminar o seu tanino. O tanino que lhe é natural, garante a sua esterilidade. Após a lavagem ele deve ser guardado molhado em um saco plástico, para ir sendo usado. Ele não se estraga mesmo que leve muitos meses para vir a ter uso. Querendo um controle mais rigoroso, basta pingar algumas gotas de água da lavagem numa de acetato de chumbo a 1%: se formar um precipitado branco ainda tem tanino, se formar um pouco de precipitado castanho é que já oxidou o tanino.

2 - Cria musgo sobre os vasos. Você acha isto defeito? Todos os meus vasos e grades são cobertos de musgos e acho isto ótimo. É raro uma orquídea na natureza não estar associada a musgos nas suas raízes. E segundo o Prof. Lutzenberg os musgos fortalecem as orquídeas tornando-as mais resistentes às doenças.

3 - Os cubos se desfazem após 2 anos. Quero crer que os seus cubos ainda são da fase em que nossa estufa era bastante precária e ainda não dispuhamos de um sistema de controle de qualidade de agregação; o normal é que isto só comece a acontecer aos 4 anos. Observe isto no Cxim que foi para o Jardim Botânico, pois ele já foi da estufa nova e com controle de qualidade.

4 - Transforma-se numa massa úmida que mata as raízes. Acho que o Cxim está levando uma culpa que não lhe compete. No Encontro de Orquidólogos de Recife mostrei uma *C. labiata* plantada a mais de 8 anos em casca de côco e que já tinha se transformado nesta massa úmida havia muito tempo

e continuava crescendo e florindo a pleno vigor. Permita que lhe pergunte: você está pondo muito adubo químico nas plantas envasadas em Cxim? Pode ser isto. O Cxim acumula todo adubo que recebe, como o carvão, e, assim, pode ser tornar impróprio por acúmulo de sais minerais. Uma de suas características é a auto-estabilização do pH ao apodrecer (5,3) consequentemente, não mata as raízes, antes pelo contrário, a planta passa e se alimentar muito mais porque a matéria orgânica está decomposta. No Cxim só devemos usar adubo de Nitrogênio. Eu rego as minhas plantas, de 3 em 3 meses, com água de uréia (1 colher de sopa para 10 l de água) ou espalho sobre o vaso 1 colher rasa de sobremesa da mistura de torta de mamona com farinha de osso, que é ainda melhor (não apodrece o Cxim, acredite se quiser). Também o Cxim nunca deve ressecar, ele deve ficar sempre úmido; ao contrário dos outros substratos.

Augusto Burle A. Ferreira

"Porque não gosto de *Cattleya labiata*"

Pergunta "Li, com algum pasmo, o artigo de Raimundo Mesquita, publicado no último número, e, pergunto, será mesmo que ele não gosta de *labiata*s, ou apenas queria brincar conosco? Cuidado com isto, pois Orquidário deve ter consciência do seu papel de formadora de opinião, sobretudo dos iniciantes que podem se deixar influenciar..."

Alberto Massena
Sobradinho, DF.

Resposta Não, não foi uma brincadeira, meu caro Alberto. Orquidário preza muito o seu papel, mas valoriza, sobretudo, a liberdade de opinião e um forte compromisso democrático. Aqui não há lugar para sectarismos, nem para as sociedades secretas, que se julgam senhoras da verdade e são intolerantes. O fato de eu não ter preferência por uma planta, não faz com que ela seja menos bela ou importante. Você, mesmo, deve ter lá suas antipatias. Se eu tivesse dito, por exemplo, que não gosto de *Schomburgkia*, não escandalizaria ninguém...

Meu texto teve uma certa dose de humor, é certo, mas para condenar sentimentos, avaros, de posse, que nos privam de comungar da beleza de plantas especiais.

Raimundo Mesquita

Calendário de Cultivo.

Cuidados de Inverno

Aproxima-se o inverno. Nessa estação, a maioria das plantas, mais comuns em cultivo, estão em repouso vegetativo e, portanto, não devem ser perturbadas no seu "sono" sazonal com reenvazamentos, divisões, etc....

A rega deve, também ser reduzida ao mínimo necessário, já que a planta está em repouso, como, ainda e porque, com menos calor e luminosidade, há menos evaporação no substrato, que seca mais lentamente, e menos transpiração na planta.

A fertilização pode ser reduzida, em quantidade e frequência.

É boa oportunidade para dar-se mais luz, até, mesmo, algum sol direto, a alguns gêneros, que muito se beneficiarão com isso (nas horas menos quentes da manhã, até, no máximo, 10hs, e à tarde, depois das 16 horas).

Atenção para as quedas de temperatura e para os ventos frios que "incomodam" os gêneros de clima quente, por exemplo *Acacallis*, *Paphinia*, *Phalaenopsis*, *Vanda*, algumas *Cattleyas*, paradoxalmente as que florescem nessa época.

Preocupação maior deve merecer a possibilidade de doenças, fúngicas e bacterianas, muito relacionadas com excesso de umidade ou água nas axilas ou na coroa das folhas. Os *Phalaenopsis* são alvos preferidos das podridões da coroa. Uma aplicação preventiva de fungicida e bactericida é aconselhável nessas ocasiões, ou, então, se você prefere evitar "remédios", evite molhar as folhas, regue só o substrato.

Cuidado, ainda, com o choque térmico decorrente de estar muito mais fria a água da rega, bem abaixo da temperatura ambiente. Outro problema (que, infelizmente, não é só de inverno...), para os que dependem da água dos serviços urbanos de abastecimento, é o resultante do excesso de Cloro, cujo teor foi muito aumentado com vistas à prevenção do Cólera. Mais do que nunca é aconselhável armazenar água, em baldes ou regadores, para só usar pelo menos 24 horas depois, para permitir a evaporação do Cloro.



Temas Polêmicos

Adubação - Mamona

Como adubar nossas orquídeas? A prática orquidófila brasileira não parecia dar, até bem pouco, muita importância a este assunto, inclusive pela convicção arraigada de que, não sendo a orquídea gulosa, não precisaria de fertilização. O resultado, por muito tempo, foram plantas esqueléticas, com floração diminuta em número de flores, estas por vezes raquíticas e flácidas, pendendo de hastes frageis.

Depois descobriu-se a torta de mamona, adubo orgânico de oleaginoso, que se tornou o centro de uma polêmica interminável: fertilizante mágico, que opera milagres, ou vilão, pelos riscos de contaminação e doenças (fungos, etc.) e, sobretudo por estimular o crescimento da planta em prejuízo da floração, sempre medíocre.

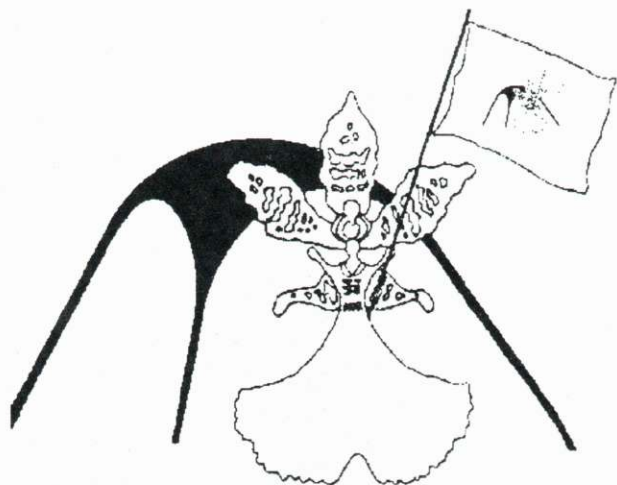
Nas duas posições não parece haver rigor científico e sim radicalismo preconceituoso. A mamona é apenas um adubo, entre os muitos disponíveis para o cultivador. Importante é conhecê-lo, para saber como e quando usar.

Sua composição:

N	P ₂ O ₅	K ₂ O	Ca	Mg	S	B	Mn	Zn
4,0/6,0	1,5/2,0	1,0/2,0	0,3/0,5	0,5	0,04	0,01	0,04	0,05
(apud "Manual de Química Agrícola - Adubos e Adubação. E. Malavolta. Ed. Agronômica Ceres Ltda. São Paulo, SP, 3ª Ed., 1981, pag. 369)								

É de observar a predominância de Nitrogênio, o que, decididamente e como sabido, não favorece especialmente a floração, que, para ser abundante e boa, precisa de maiores porcentagens de Fósforo e Potássio.

O ideal seria uma programação de uso dos nutrientes, segundo as necessidades da planta nos seus estágios anuais: fase vegetativa e de crescimento, mais Nitrogênio, fase de floração, mais Fósforo e Potássio. Essa, aliás, a razão, empírica, de alguns cultivadores que preferem os adubos "naturais" combinarem, com a mamona, farinha de osso, ou de ostra (além de Fósforo, em maior teor, de 22 a 30%, o Cálcio que contém reduz a elevada reação de acidez da mamona)e, ainda, cinza de madeira, que via de regra, tem de 8,2 a 13,7% de Potássio (id., ibid., pag. 179).



International Orchid Show
RIO

15/ 18 september 1994

OrchiRIO

**Promoção: OrquidaRIO, Orquidófilos
Associados do Rio de Janeiro S/C**

Informações/ Informations:

HOST, Turismo de Eventos Ltda.
Rua São Clemente nº 407 - Botafogo
22.260 - 001 - RIO DE JANEIRO,
RJ
BRASIL

Tel. +55 21 286 3536/Fax +55 21 246 1314



FIRST

R